

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Letras

Especialização em Língua Portuguesa: Ensino de leitura e produção de textos

PROLEITURA

Fabiana Dias Pereira

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA ALUNOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL:
reflexões acerca da teoria e prática**

Belo Horizonte

2021

Fabiana Dias Pereira

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA ALUNOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL:
análises e reflexões acerca da teoria e prática**

Monografia de especialização apresentado à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção de título de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e práticas de ensino de leitura e produção de textos.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Francisco Dias

Belo Horizonte

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS

ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: Teoria e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos

ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DA ALUNA FABIANA DIAS PEREIRA CÂNDIDO

Realizou-se, no dia 11 de outubro de 2021, às 14:00 horas, de forma remota, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA ALUNOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL: análises e reflexões*, apresentado por FABIANA DIAS PEREIRA CÂNDIDO, número de registro 2020654282, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, perante a seguinte Comissão Examinadora: Prof. Luiz Francisco Dias - Orientador (UFMG), Profa. Thalita Nogueira Dias, Profa. Claudia Ribeiro Rodrigues.

A Comissão considerou o Trabalho:

(X) Aprovado

() Reprovado

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 11 de outubro de 2021.

Prof. Luiz Francisco Dias (Doutor)
Profa. Thalita Nogueira Dias (Mestre)
Profa. Claudia Ribeiro Rodrigues (Mestre)



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Francisco Dias, Professor do Magistério Superior**, em 18/10/2021, às 23:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Thalita Nogueira Dias, Usuário Externo**, em 21/10/2021, às 16:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cláudia Ribeiro Rodrigues, Usuário Externo**, em 22/10/2021, às 18:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0999480** e o código CRC **0BB7FB3D**.

Dedico este trabalho à Klene, que me ouviu com atenção e muito carinho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Dr. Luiz Francisco Dias, pela paciência na orientação e pelos conhecimentos partilhados, fatores que ajudaram a tornar possível a conclusão deste trabalho. Aos professores que compuseram a banca, deixo o meu agradecimento pela visão apurada ao analisar o meu trabalho.

Ao PROLEITURA, juntamente com a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte que me permitiram concluir a minha tão sonhada especialização.

Agradeço ainda à Cacilda e ao Bruno, colaboradores da secretaria acadêmica, que foram espetaculares com o carinho e dedicação a mim dispensados. Vocês são essenciais!

Enfim, sou grata a todos os docentes e aos meus colegas de classe que caminharam comigo nessa jornada.

Ouvir histórias é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores. É encantamento, maravilhamento, sedução.
(Fanny Abramovich, Gostosuras e bobices, 2009).

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é abordar a importância da contação de histórias na Educação Infantil visando à melhoria da prática pedagógica nas escolas através de textos teóricos que podem servir de base para o educador infantil. Percebe-se que para o professor ser um bom contador de histórias, é requerido conhecimentos e técnicas corporais e orais, além de um bom repertório de narrativas adequadas à faixa etária das crianças. A contação de histórias tem uma relevante importância para a sociedade, já que pode despertar nos indivíduos: o gosto pela leitura, aguçar o senso crítico e estimular os princípios éticos, ajudar no desenvolvimento emocional, cognitivo, intelectual e psicológico. A escola é uma das portas de entrada para que as crianças tenham contato com a literatura e, neste ambiente, faz-se necessário realçar a importância da arte de contar histórias, não somente com a finalidade de distrair ou de passar o tempo, mas sim, com o dever de estimular os alunos a serem cidadãos conscientes e com visão ampliada do mundo que os cercam. Tem-se como objetivo geral deste trabalho, a investigação da prática de contação de histórias, sua estrutura e os benefícios proporcionados. Como objetivos específicos, os intuítos desta pesquisa são o estudo sobre o trabalho pedagógico da contação de histórias na Educação Infantil e como essa prática interfere no desenvolvimento da criança. A análise fundamentou-se em textos teórico-críticos de Fanny Abramovich, José Nicolau Gregorin Filho, Josefa Ferreira de Lacerda, Ricardo Piglia, dentre outros e também foi aplicado um questionário para doze professores da Educação Infantil de uma escola municipal de Belo Horizonte, para que além da teoria fosse contemplada as experiências vividas na prática pelos professores.

Palavras-chave: Contação de histórias. Literatura Infantil. Educação Infantil.

ABSTRACT

The aim of this work is to address the importance of storytelling in Education Children aiming to improve pedagogical practice in schools through theoretical texts that can serve as a basis for the early childhood educator. It is necessary that for the teacher to be a good storyteller, body and oral knowledge and techniques are required, in addition to a good repertoire of narratives appropriate to the children's age group. Storytelling has a relevant importance for society, as it can awaken in individuals: ol enjoy reading, sharpening my critical sense and encouraging ethical principles, helping with emotional, cognitive, intellectual and psychological development. The school is a the gateways for children to have contact with literature and, in this environment, it is necessary to emphasize the importance of the art of storytelling, not only with the purpose of distracting or passing the time, but with the duty to encourage students to be conscientious citizens with an expanded vision of the world around them.

The general objective of this work is to investigate the practice of storytelling, its structure and the benefits provided. As specific objectives, the aims of this research are to study the pedagogical work of storytelling in Early Childhood Education and how this practice interferes with the child's development. The analysis was based on theoretical-critical texts by Fanny Abramovich, José Nicolau Gregorin Filho, Josefa Ferreira de Lacerda, Ricardo Piglia, among others, and a questionnaire was also applied to twelve Kindergarten teachers from a municipal school in Belo Horizonte, to that, in addition to theory, the experiences lived in practice by the teachers were contemplated.

Keywords: Storytelling. Children's literature. Child education.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 9 |
| 2. A ESTRUTURA HISTÓRICO-CONCEITUAL DAS NARRATIVAS..... | 10 |
| 2.1 A profissionalização da narrativa..... | 12 |
| 3. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA PRÁTICA ESCOLAR INFANTIL | 14 |
| 4. A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO E DO IMAGINÁRIO NO PROCESSO EDUCATIVO | 16 |
| 5. A BIBLIOTECA COMO UM ESPAÇO DE ACESSO A LIVROS, LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS | 23 |
| 6. A PRÁTICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: DEPOIMENTOS DE PROFESSORES.. | 27 |
| 7. CONCLUSÃO..... | 30 |
| REFERÊNCIAS | 32 |
| APÊNDICE | 35 |

1. INTRODUÇÃO

O ato de contar histórias é algo natural para o ser humano, desde a antiguidade. O contar histórias faz parte do cotidiano, por exemplo, quando alguém conta o sonho que teve, quando conta sobre o estresse que teve no trabalho, quando narra as peripécias que o bichinho de estimação aprontou, tudo isso entra no campo da narração, ou seja, estamos contando histórias: “Somos todos contadores de histórias e todos sabemos narrar, com maior ou menor relevância e qualidade. Um dia na vida de qualquer um de nós é também um dia feito de histórias que contamos e recontamos” (PIGLIA, 2006, p. 44).

Apesar de ser um ato normal e corriqueiro, contar histórias para alunos da Educação Infantil é muito mais do que cumprir mais uma tarefa do dia dentro da instituição escolar, é uma forma de despertar nas crianças o gosto pelos livros, é estimular a cognição através da imaginação, é transmitir padrões éticos e morais que regem nossa sociedade. “A narração é o oposto da informação simples. Ela sempre está ameaçada pelo excesso de informação, pois a narrativa nos ajuda a incorporar a história em nossa própria vida e vivê-la como algo pessoal” (PIGLIA, 2006, p. 45).

É bem possível que vários adultos da atualidade tenham em suas memórias alguma história que foi contada por algum familiar próximo, pois essas narrativas ficam marcadas pelo seu caráter educativo, imaginativo ou até mesmo crítico. As histórias estimulam a ampliação da visão de mundo daquele que as ouvem, promove o estímulo do senso crítico, ampliam o repertório cultural e melhoram o vocabulário. Contar histórias é arte, é continuidade de vida.

Ao contar uma história para uma criança, estamos desenvolvendo a sua capacidade cognitiva, estimulamos sua imaginação e emoções, além de estarmos incentivando à leitura, ou seja, estamos desenvolvendo verdadeiros leitores, capazes de criar, inovar e apresentar novas ideias (LACERDA, 2015, p. 10).

Questiona-se então: qual a importância da contação de histórias na Educação Infantil e como essa prática interfere no desenvolvimento da criança? A partir dessas questões, buscou-se estabelecer paralelos entre contação de histórias e desenvolvimento infantil. Este estudo apoia-se em referenciais teóricos na perspectiva histórico-cultural.

Esta pesquisa é de cunho bibliográfico que, segundo Gil (2010), é feita com o uso de materiais já publicados a respeito do tema. Este trabalho apresenta a vantagem de oferecer ao pesquisador uma gama de textos com base em conceitos de vários teóricos com opiniões e críticas diferentes sobre um determinado assunto.

Sendo assim, nesta monografia, foram realizadas análises de textos teórico-críticos com intuito de identificar aspectos que denotem a importância da contação de histórias para alunos da Educação Infantil, a revisão bibliográfica inspirou e norteou o exame de relações entre os textos teóricos escolhidos e o tema do trabalho de forma coerente e lógica, viabilizando o processo da pesquisa. Este trabalho justifica-se por mostrar outro ponto de vista relacionado à contação de histórias, visando o foco em seu aspecto pedagógico, além de proporcionar aos estudantes e professores de Letras/Pedagogia um melhor conhecimento crítico do tema.

2. A ESTRUTURA HISTÓRICO-CONCEITUAL DAS NARRATIVAS

No texto *Modos de narrar*, de Ricardo Piglia, percebe-se que a origem da narrativa pode estar relacionada com a origem da linguagem do ser humano. A partir do momento em que a linguagem foi surgindo, ato de narrar fez-se presente: “narrar seria a condição de possibilidade daquele acontecimento - um tanto enigmático, um pouco milagroso – em que surge a linguagem [...]” (PIGLIA, 2006, p. 48).

O ato de narrar, então, é comum a todos os seres humanos que desejam contar um fato ocorrido de acordo com a experiência vivida e com toda a emoção que foi sentida pelo narrador aos seus ouvintes. Piglia (2006, p. 44) afirma que “somos todos contadores de histórias e todos sabemos narrar, com maior ou menor relevância e qualidade”.

As narrativas fazem parte do nosso cotidiano, narramos o tempo inteiro. Por exemplo, quando contamos aos nossos filhos como foi a nossa infância, quando contamos a uma amiga sobre uma briga com o namorado ou quando contamos sobre uma injustiça que presenciamos. A grande questão é qual o grau de emoção que nós conseguimos transmitir ao nosso ouvinte sobre aquilo que narramos, pois, narrar não é só descrever fatos, e sim, despertar no outro o gosto pela troca de experiências conforme assegura Piglia (2006, p.45) “A narrativa depende dessa implicação. Está sempre ligado a quem recebe a história”.

As histórias narradas são muito interessantes, pois elas permitem, a quem as ouve, utilizar do vasto campo imaginário e compor diversas visões acerca daquilo que está sendo contado. Não é obrigatório ter um único viés para o entendimento e receptividade da narrativa, pois ela não tem um significado engessado. Todo texto que narra algo é dialógico, é polifônico e está situado em um determinado tempo, pois o texto narrativo fala a partir de um tempo. Esse

tipo de texto possui a sua própria linguagem, que é o modo de fala, tem a sua perspectiva que seria o tempo histórico e também suas variáveis que seriam: tempo, espaço, personagens, narrador, conflito clímax e desfecho. Estes textos orais têm a função de nos dar prazer, nos ensinar sobre o mundo, de inculcar normas sociais e de fornecer uma modalidade de crítica social. A questão básica da narrativa é a forma fundamental de conhecimento através da busca pelo sentido das coisas. De acordo com Piglia (2006, p. 49) “poderíamos ver a história da narração como uma história da subjetividade como a história da construção de um sujeito que se pensa a partir de uma história [...]”.

A narrativa, em tempos remotos, substituía a escrita, que naquele tempo, era inexistente. Então, para que fossem transmitidas informações importantes àquelas sociedades, eram necessárias boas memórias, sendo assim, o homem era instigado a não se esquecer de nenhum fato que considerasse relevante às demais gerações. Um fator que contribuía para a preservação das memórias era a repetição do contar determinado fenômeno que não poderia ser deixado para trás sem ser repassado às gerações futuras. Sob o mesmo ponto de vista, Tettamanzy e Torres (2008, p. 2) afirmam que “O ato de contar histórias remete a este tempo em que o homem confiava na sua memória e nas suas experiências, resgatando qualidades tão necessárias ao desenvolvimento humano”.

Segundo as autoras citadas acima, a contação de histórias está relacionada à leitura, pois os alunos podem experimentar o desejo de ler ao serem motivados através da literatura oral, pois, conforme afirma Tettamanzy e Torres (2008, p. 3), “um dos principais objetivos da escola é fazer com que os alunos gostem de ler. Mas, não podemos obrigá-los a isto, temos sim que encontrar formas de persuadir os alunos para que eles próprios busquem a leitura”.

Há um conto chamado *A paixão de dizer/1*, de Eduardo Galeano, no *Livro dos abraços* que exemplifica tal aspecto:

Marcela esteve nas neves do Norte. Em Oslo, uma noite, conheceu uma mulher que canta e conta. Entre canção e canção, essa mulher conta boas histórias, e as conta espiando papeizinhos, como quem lê a sorte de soslaio. Essa mulher de Oslo veste uma saia imensa, toda cheia de bolsinhos. Dos bolsos vai tirando papeizinhos, um por um, e em cada papelzinho há uma boa história para ser contada, uma história de fundação e fundamento, e em cada história há gente que quer tornar a viver por arte da bruxaria. E assim ela vai resuscitando os esquecidos e os mortos; e das profundidades desta saia vão brotando as andanças e os amores do bicho humano, que vai vivendo, que dizendo vai.

Conforme explicitado no trecho acima, trazendo a tradição oral para a sala de aula ou para outro espaço lúdico como a biblioteca, os professores podem utilizar a contação de histórias como elo entre alunos e suas famílias ao fazerem uso de histórias de tradição popular.

Assim, ao ouvirem histórias e estórias, os alunos poderão lembrar-se que o pai, a mãe ou avó já contaram determinada história e, com isso, os vínculos afetivos serão fortalecidos, a literatura tradicional continuará perpetuando-se e haverá mais ouvintes interessados em livros, leitura e literatura nas escolas.

2.1 A profissionalização da narrativa

Vicente (2015) discorre, em sua dissertação de mestrado, sobre a arte de narrar, porém com um viés profissional. Para Vicente (2015), o ato de narrar é algo natural do ser humano, contudo, há técnicas para aperfeiçoar essa prática ao ponto de utilizá-la profissionalmente. A autora afirma que:

[...] dentro dessa área do conhecimento, é possível fazer um recorte ainda mais específico: o de observar esse sujeito responsável pela narração, percebendo as particularidades entre o narrador profissional e aquele que faz desta arte da oralidade o seu ofício [...] (VICENTE, 2015, p. 8).

A pesquisadora também defende que a contação de histórias tem caído em desuso com o passar do tempo e pontua a importância do narrador profissional na sociedade contemporânea, pois, “a narração oral profissional artística passa a ser procurada com mais frequência para diferentes eventos”. (VICENTE, 2015, p. 15). Percebe-se claramente a diferença entre aquele que estudou os mecanismos da oralidade a fim de se obter resultados concretos e imediatos, daqueles em que pessoas comuns, tais como professores, que também conseguem efeitos positivos com o trabalho de contação de histórias com seus alunos, ainda que seja a longo prazo.

Não se pode definir, pelos parâmetros da profissionalização do contador de histórias, quem domina ou não essa arte, quem é bom ou quem é ruim, já que todos que possuem a linguagem é um narrador nato. A autora discorre sobre o ato de narrar afirmando que a literatura infantil nasceu no seio da cultura popular e que a “a prática de transcrever contos da cultura popular oral é antiga, vem de Homero, que escreveu Ilíada e Odisséia a partir de histórias faladas” (VICENTE, 2015, p. 17).

Os autores consagrados que foram os precursores da literatura infantil, como Charles Perrot e Jacob e Wilhelm Grimm, utilizaram da mesma técnica de Homero, ou seja, transcreveram textos orais, conforme afirma Vicente (2015, p. 17):

No século XVII, Charles Perrault recolhe um material guardado pela memória do povo e resulta em Histórias ou contos do tempo passado com suas moralidades: contos da Mãe Gansa—primeiro núcleo da literatura infantil ocidental. No século XIX são os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm quem recolhem antigas narrativas maravilhosas da tradição oral, germânicas e de outras fontes e as publicam.

Contar histórias está intimamente ligado à literatura infantil. No livro *Literatura Infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores*, de José Nicolau Gregorin Filho, é defendido pelo autor o quão é importante a literatura infantil, pois essas, assim como os textos “adultos” trazem em si a discussão de práticas sociais, sendo assim, o que difere a literatura infantil dos demais textos que circulam na sociedade é como ele é produzido, a linguagem utilizada, as belas paisagens, os personagens, os contrastes de cores. O pesquisador afirma que:

O que se percebe é a existência de uma literatura que pode ser chamada de infantil apenas no nível de manifestação textual, isto é, no nível do texto em que o leitor entra em contato com as personagens, tempo, espaço, entre outros elementos textuais; percebe-se também que os temas não diferem dos temas presentes em outros tipos de texto que circulam na sociedade, como a literatura para adultos e o texto jornalístico, por exemplo (GREGORIN FILHO, 2012, p. 10).

Ademais, o autor também pontua que é necessário, ao escolher determinada literatura para crianças, que este leitor tenha a capacidade de relacionar as semióticas verbal e visual, a fim de se obter um bom proveito do texto trabalhado, pois, “a recorrência de figuras atribui ao discurso uma imagem organizada e completa daquilo que ideologicamente se entende por “realidade” (GREGORIN FILHO, 2012, p. 12).

Nesse sentido, a literatura infantil nas escolas tem uma importância vital, já que as crianças da Educação Infantil, apesar de ainda não saberem ler ou escrever, participam ativamente dos dinamismos envolvidos no processo de contação de histórias. Muitos professores, infelizmente, não são preparados para trabalharem a contação de histórias com seus alunos, pois nem sempre é ofertado preparo para estes profissionais. Sendo assim, Chiaretto (2013, p. 2) afirma que:

A responsabilidade pela formação literária escolar das séries iniciais no Brasil é atribuída em grande parte a professores há muito tempo distantes do ambiente universitário de pesquisa e ensino. Nesse caso, podemos observar a presença significativa de educadores que não tiveram uma formação literária suficiente para serem caracterizados como cidadãos letrados literariamente.”

Em decorrência disso, existe a utilização da literatura como rotina obrigatória em sala de aula, fazendo com que o deleite e todos os recursos imagéticos e emocionais sejam postos de lado, gerando, assim, crianças que não interagem e não tomam gosto pela leitura. O professor precisa demonstrar interesse e segurança naquilo que está se propondo, pois, as crianças percebem de longe qualquer mudança na postura do educador, seja ela positiva ou não.

O vasto campo da literatura infantil precisa cumprir aquilo a que se destina, que é a descoberta de um novo mundo, o encantamento em que sonhos e realidade se mesclam, ativando o imaginário da criança, produzindo sensações, despertando emoções e aguçando a criticidade.

Em tais situações, o prazer da leitura dos educadores fará a diferença, já que o letramento literário se tornará parte de um processo de disseminação cultural, e não de imposição ou utilização da literatura apenas como mero pretexto para exercícios de outra natureza. Só um educador-leitor, com um repertório textual rico, diversificado, envolvido verdadeiramente com o universo da literatura, pode formar leitores e organizar seu material didático sem usar estratégias acomodadas ou autoritárias, sem fechar-se no espaço escolar e sem desvincular-se da vida social (CHIARETTO, 2013, p. 3).

Deste modo, percebe-se que a relação que os próprios professores estabelecem com a leitura em suas vidas cotidianas refletirá em suas práticas profissionais.

3. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA PRÁTICA ESCOLAR INFANTIL

Um livro muito relevante para o estudo da importância da contação de histórias para alunos da Educação Infantil é o da autora Fanny Abramovich, *Gostosuras e bobices* (1997). Nesse livro, a autora aborda a contação de histórias, afirmando-se a sua necessidade, para que seja incentivada a imaginação e também as percepções sobre o mundo real:

Ah, como é bom para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo (ABRAMOVICH, 1997, p. 16).

A autora também afirma que as crianças têm seus primeiros contatos com um texto através da oralidade que pode advir de parentes próximos no momento da contação de histórias em momentos de puro deleite, e assim, de modo divertido, a criança vai ampliando o seu repertório imaginário e oral, além de ser estimulada em suas curiosidades, questionamentos, e também podem vivenciar experiências na resolução de conflitos ou impasses.

[...] cada vez ir se identificando com outra (cada qual no momento que corresponde aquele que está sendo vivido pela criança) ... e, assim esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para resolução deles..." (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

Abramovich pontua que ao ouvirem histórias, as crianças podem entrar em contato com os seus próprios sentimentos, tais como: raiva, medo, alegria, pois as narrativas suscitam esses sentimentos com os seus enredos repletos de emoção. A autora afirma que contar histórias “é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário” (ABRAMOVICH, 1997, p. 17). Por meio da contação de histórias, pode-se aprender muito sobre temas que fazem parte do currículo escolar sem estar participando de uma aula específica sobre o assunto. Geografia, História, Ética e Cidadania são bem recebidas pelas crianças pelo simples fato de serem de fácil compreensão dentro do contexto trabalhado. O momento da contação de histórias é um momento prazeroso e rico. Tudo o que for proposto dentro do texto narrado será absorvido pela criança: a linguagem, a entonação da voz, a leveza, o lúdico e a emoção transmitida pela narrativa através do professor favorecem demasiadamente na compreensão de vários assuntos abordados.

É importante que o professor se aprofunde no texto em que irá contar. Ele deve dominar o texto, a sua linguagem, a sua temática, a fim de que os alunos possam adentrar na história e experimentar todas as sensações e que possam também absorver aquilo que o texto tem a ensinar. “O contador deixa que a história mergulhe nele e só depois ele conta; primeiro se apropria da história para depois contá-la” (TETTAMANZY; TORRES, 2008, p. 6).

Uma história bem contada, com uma performance adequada ao texto escolhido e às suas pretensões pedagógicas, sociais ou históricas, pode contribuir para ampliar a visão de mundo que aquele aluno possui. As histórias, além de possuir um encantamento peculiar, conseguem ir muito mais além, transformando medo em coragem, tristeza em alegria, euforia em calma, os seres humanos descobrem o ser através das vivências e daquilo que é visto, ouvido.

As histórias contadas repassam aos alunos gatilhos psicológicos para que estes possam se reconhecer como seres pensantes, intuitivos, criativos e sagazes, com a capacidade de sobrepor as dificuldades próprias do cotidiano, bem como, contribuir para a aceitação e respeito à diversidade que cada vez mais vem ganhando visibilidade na sociedade. Respeitar a diversidade é exercer a capacidade de mostrar-se um ser humano empático e solidário, e cabe aos professores favorecer aos alunos esse hábito desde cedo.

O acontecimento é comum, como numa contação de histórias, por exemplo. A platéia ouve uma mesma história, mas o modo como cada pessoa experimentará será diferente. Quando há a performance, dá-se uma troca entre contador e ouvintes, dessa

forma, também, cada vez que a história for contada, o contador contará de forma diferente, pois o ambiente, as pessoas e até mesmo o seu estado de espírito influenciarão em sua performance (TETTAMANZY; TORRES, 2008, p. 6).

Levando-se em conta o que foi observado, tanto contadores de histórias quanto ouvintes são beneficiados nessa prática que encanta a todos indistintamente.

4. A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO E DO IMAGINÁRIO NO PROCESSO EDUCATIVO

Tendo em vista todo o contexto da crise de saúde e sanitária ocasionada pela Covid-19 e que intensificou o uso de tecnologias na educação, percebe-se que os recursos digitais estão sendo utilizados nas aulas em detrimento dos analógicos. Um exemplo é a crescente procura por livros digitais, os chamados *ebooks*, disponíveis tanto em plataformas como bibliotecas digitais, na própria internet ou através de suportes como o *Kindle*, um leitor de livros digitais. Neste sentido, percebe-se que a inserção de recursos e aparatos tecnológicos na educação são uma prática que “veio para ficar” e tem auxiliado os professores no processo educativo. A gamificação, por exemplo, tem sido um recurso interessante, em que os alunos vão ganhando pontos e, ao final da atividade proposta pelo professor, podem ganhar prêmios, se cumprirem todas as etapas do que está sendo pedido. São formas contemporâneas louváveis de despertar o interesse e curiosidade pelo conteúdo proposto e intensificar a apreensão do conteúdo.

Como se pode notar, é de fundamental importância a ressignificação das formas e modos de aprender. Contudo, a ludicidade e o imaginário cumprem um papel relevante nesse processo, na medida em que, seja no ambiente analógico ou digital, tais aspectos são também bastante efetivos no processo educacional. Quem aprende brincando, com humor, afeto e ouvindo histórias, se sente impelido a aprender mais e consolida melhor os conhecimentos adquiridos. Temos a seguir um trecho do livro *Variações sobre o prazer*, de Rubem Alves, de onde se depreende isso:

Haverá lógica em Baco? Em Lewis Carroll? Em Fernando Pessoa? Lembro-me de um conselho dado pelo professor Ubiratan d’Ambrosio, matemático. Num programa de TV, perguntado por alguém sobre o que fazer para aprender lógica, ele respondeu: “Leia poesia”. [...] “As palavras e os sons, não são eles pontes iridescentes e etéreas entre coisas eternamente separadas? Os nomes e os sons não foram dados às coisas para que nós não as achássemos mais refrescantes? A fala é uma deliciosa loucura. Por meio dela o homem dança sobre todas as coisas” (ALVES *apud* NIETZSCHE, 2014, p. 26)

Nesse diapasão, um elemento específico da fala é a contação de histórias, que diz respeito aos contos de fadas. De acordo com Bruno Bettelheim, os contos de fadas atuam em todos os níveis de consciência e podem promover reflexões consideráveis na forma de ser e estar no mundo.

A criança encontra significado nos contos de fadas [...] Como muitas outras percepções psicológicas modernas, esta foi antecipada há muito tempo pelos poetas. O poeta alemão Schiller escreveu “Há um significado mais profundo nos contos de fadas que me contaram na infância do que na verdade que a vida ensina” (BETTELHEIM *apud* The Piccolomini, III, 4). [...] Aplicando o modelo psicanalítico da personalidade humana, os contos de fadas transmitem importantes mensagens à mente consciente, à pré-consciente e à inconsciente, seja em que nível for que cada uma estiver funcionando no momento (BETTELHEIM, 2015, s.p).

A contação de histórias, mitos, lendas e contos de fadas, promovem mudanças imediatas nas percepções das crianças que começam a indagar como e por que os personagens agiram de determinada forma, se tais comportamentos são dignos de admiração ou crítica, se estão tristes ou felizes com a forma como termina a história, se algo parecido com o que narrado na história acontecesse com eles, se agiriam da mesma forma ou não. Enfim, quem já contou histórias para crianças, seja em ambiente escolar ou fora dele, sabe que, via de regra, elas se sentem bastante impelidas a falar sobre o que ouviram e, quando gostam muito, pedem para “contar outra vez”. Em assonância com o que exposto, Bettelheim mostra os impactos das histórias na vida dos pequeninos:

Os contos de fadas enriquecem a vida da criança e lhe dão uma dimensão encantada exatamente porque ela não sabe absolutamente como as histórias levaram a cabo seu encantamento sobre ela. [...] Ao longo da maior parte da história da humanidade, a vida intelectual de uma criança, tirante as experiências imediatas dentro da família, dependeu das histórias míticas e religiosas e dos contos de fadas. Essa literatura tradicional alimentava a imaginação da criança e lhe estimulava a fantasia. Simultaneamente, já que essas histórias respondiam às suas questões mais importantes, eram um dos principais agentes de socialização (BETTELHEIM, 2015, s.p).

Cabe, por oportuno, destacar a lição da escritora Clarice Lispector, em seu conto *Felicidade clandestina*, em que descreve, de forma única, a sensação de descobrir uma história, de estar com um livro muito desejado e querido em mãos e, em última análise, como a imaginação, a fantasia e o universo simbólico de um indivíduo tem uma relação estreita com os livros e a literatura.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo. Chegando em casa, não

comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada. Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante (LISPECTOR, 2013, s.p.).

A expectativa do que aquele livro lhe apresentaria deixava a menina plena de alegria; pensava em tudo que poderia aprender, em como iria se divertir, se emocionar, em como tinha sido custoso obtê-lo, mas para além disso tudo, o que ele poderia lhe oferecer. Sim, porque não era o fetiche de ter o livro em suas mãos só por ter; era a presença do inefável e do onírico em sua vida. A imaginação está na esfera do intangível, mas, sem dúvidas, tem reflexos tangíveis e práticos na vida, o que não é pouco, se considerarmos as dificuldades de acessar o objeto livro e tudo o que ela apresenta e representa: um mundo de sensações e possibilidades.

Inicialmente é importante ressaltar que devemos valorizar os textos como patrimônio artístico da humanidade. Neste sentido, a leitura se afirma como um modo democrático e eficaz de formar e informar os indivíduos. É importante que o hábito da leitura seja incentivado e estimulado, não somente entre o corpo discente, mas também entre todo o corpo técnico e operacional escolar.

Assim, é preciso precipuamente sensibilizar não somente os alunos, mas toda a comunidade escolar quanto à importância do desenvolvimento do hábito de leitura *lato sensu* como forma de melhoria e ampliação de vocabulário, repertório cultural e educacional, desenvolvimento emocional e cognitivo, melhoria da compreensão de textos, de leitura, escrita e entretenimento dentre vários outros benefícios físicos e emocionais.

Neste aspecto, o sociólogo, crítico literário e professor Antonio Candido alça a literatura a um direito humano, bem como o direito à alimentação, moradia, saúde e educação, na medida em que se afirma como algo fundamental para a formação humana dos sujeitos.

Segundo o crítico, a literatura se manifesta universalmente através do ser humano, e em todos os tempos, tem função e papel humanizador. Mas como essa humanização se dá? A humanização, de acordo com A. Candido, é:

“[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante” (CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. In: A.C.R. Fester (Org.) Direitos humanos E... Cjp / Ed. Brasiliense, 1989. p. 117). (CASA DAS ROSAS).

No que se refere à legislação, a Lei 13.696, de 12 de julho de 2018 institui a Política Nacional de Leitura e Escrita e traz algumas diretrizes que são balizadoras das práticas em questão. Destacam-se os seguintes trechos:

Parágrafo único. A Política Nacional de Leitura e Escrita será implementada pela União, por intermédio do Ministério da Cultura e do Ministério da Educação, em cooperação com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios e **com a participação da sociedade civil e de instituições privadas. (grifo nosso).**

Art. 2º São diretrizes da Política Nacional de Leitura e Escrita:

I - a universalização do direito ao acesso ao livro, à leitura, à escrita, à literatura e às bibliotecas;

II - o reconhecimento da leitura e da escrita como um direito, a fim de possibilitar a todos, inclusive por meio de políticas de estímulo à leitura, as condições para exercer plenamente a cidadania, para viver uma vida digna e para contribuir com a construção de uma sociedade mais justa;

Art. 3º São objetivos da Política Nacional de Leitura e Escrita:

X - incentivar a expansão das capacidades de criação cultural e de compreensão leitora, por meio do fortalecimento de ações educativas e culturais focadas no desenvolvimento das competências de produção e interpretação de textos.

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, por sua vez, preconiza no capítulo III - Da Educação, da Cultura e do Desporto que:

Art. 205. **A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade**, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (grifo nosso)

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

IX - garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida. (grifo nosso)

Tendo em vista tais apontamentos, faz-se necessário o desenvolvimento de ações que promovam o desenvolvimento preconizado nas legislações pátrias e dos objetivos educacionais e pedagógicos que pretendem ser alcançados pelas escolas.

Como é de amplo conhecimento público, a aquisição de livros por grande parte da população é muitas vezes inviabilizada ou reduzida, tendo em vista os altos custos que fazem com o livro seja considerado um produto supérfluo ou de luxo. Nesse sentido, as bibliotecas públicas e privadas afirmam-se como equipamentos culturais e educacionais de fundamental importância para que os cidadãos tenham acesso aos livros e à leitura, e assim promover o desenvolvimento intelectual e cultural da população, bem como a educação continuada.

De acordo com o *Manifesto IFLA/Unesco para Biblioteca Escolar* “está comprovado que bibliotecários e professores, ao trabalharem em conjunto, influenciam o desempenho dos estudantes para o alcance de maior nível de literacia na leitura e escrita, aprendizagem, resolução de problemas, uso da informação e das tecnologias de comunicação e informação”.

De acordo com o Manifesto supracitado a biblioteca escolar é parte integral do processo educativo. Nesse sentido:

Para o desenvolvimento da literacia e/ou competência na leitura e escrita e no uso da informação, no ensino e aprendizagem, na cultura e nos serviços básicos da biblioteca escolar, é essencial o cumprimento dos seguintes objetivos: apoiar e intensificar a consecução dos objetivos educacionais definidos na missão e no currículo da escola; desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem, bem como o uso dos recursos da biblioteca ao longo da vida; oferecer oportunidades de vivências destinadas à produção e uso da informação voltada ao conhecimento, à compreensão, imaginação e ao entretenimento; apoiar todos os estudantes na aprendizagem e prática de habilidades para avaliar e usar a informação, em suas variadas formas, suportes ou meios, incluindo a sensibilidade para 3 utilizar adequadamente as formas de comunicação com a comunidade onde estão inseridos; prover acesso em nível local, regional, nacional e global aos recursos existentes e às oportunidades que expõem os aprendizes a diversas ideias, experiências e opiniões; organizar atividades que incentivem a tomada de consciência cultural e social, bem como de sensibilidade; trabalhar em conjunto com estudantes, professores, administradores e pais, para o alcance final da missão e objetivos da escola; **proclamar o conceito de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são pontos fundamentais à formação de cidadania responsável e ao exercício da democracia; promover leitura, recursos e serviços da biblioteca escolar junto à comunidade escolar e ao seu derredor** (MANIFESTO IFLA/UNESCO PARA O DESENVOLVIMENTO ESCOLAR, 1999, p. 2)

Para Minuzzi (2019), além de democratizar o acesso aos livros e à biblioteca é importante criar mecanismos de monitoramento da evolução e desenvolvimento de cada aluno conforme descreve abaixo:

Para dar conta de, posteriormente, levar essas avaliações aos pais, é possível criar uma forma própria de registro do desenvolvimento de cada aluno, como por meio de um memorial do professor sobre o desenvolvimento da turma, onde vá destacando, ao

longo do projeto de leitura, como cada aluno tem se expressado e vivenciado as atividades realizadas, ou, ainda, por meio do registro, em vídeo, de algumas atividades mais lúdicas, ou até mesmo produzindo uma montagem teatral com os alunos a partir de suas diversas leituras ao longo de um projeto (MINUZZI, 2019, p. 94).

Outra eminente pesquisadora da biblioteca escolar, a professora do curso de Biblioteconomia da UFMG, Bernadete Campello, chama a atenção para o fato de que, mesmo as crianças que ainda não foram alfabetizadas costumam ter bastante contato com os livros através das contações de histórias realizadas por professoras e bibliotecárias, o que por si só já demonstra a importância da atividade em si, facilitando o acesso das crianças ao universo lúdico, recreativo, mas também pedagógico tanto da contação de histórias, como da leitura compartilhada, conforme constata-se no trecho abaixo:

A leitura e a escuta de histórias permeiam todo o período de escolarização, desde os primeiros anos, mesmo antes de a criança dominar o código linguístico, quando se busca construir uma atitude de curiosidade pelo livro e de prazer pela leitura. Isso se consegue com a utilização de textos bem selecionados, criativos, ricos e com ilustrações de qualidade. A familiaridade com a diversidade de gêneros é muito enfatizada, devendo-se levar as crianças a conhecerem a diversidade dentro de um mesmo gênero, por exemplo, trabalhando-se com o conjunto da obra de determinado autor ou com as várias versões de um mesmo conto ou lenda (CAMPELLO, 2012, p. 57).

Em outras palavras, resta nítida e indubitável a importância deste equipamento educacional e cultural que é a biblioteca, sobretudo a biblioteca escolar, pois é nela que, via de regra, haverá o primeiro contato com uma variedade de livros, onde a criança aprenderá como proceder para realizar empréstimos, a importância da organização do acervo para localização dos livros, além de ser um espaço que auxilia a desenvolver o afeto e amor pelos livros e pela leitura. Campello aduz que as crianças precisam ter acesso à biblioteca como forma de desenvolvimento pedagógico, conforme averigua-se no trecho abaixo:

[...] pode-se dizer que as crianças na fase da educação infantil poderão, sem dúvida, beneficiar-se da biblioteca. As instituições que recebem crianças exclusivamente nessa faixa etária devem esforçar-se para criar sua biblioteca, e aquelas que atendem faixas variadas e que já contam com esse espaço devem planejar programas específicos de biblioteca adequados a crianças pequenas. O contato precoce com esse recurso de aprendizagem vai certamente constituir vantagem para os alunos que dele se beneficiarem (CAMPELLO, 2012, p. 60).

Com efeito, é preciso fortalecer as práticas da biblioteca, para além do empréstimo de livros, mas também como um espaço de consolidação e complementação das atividades pedagógicas, afirmando-se como um espaço de construção dialógica do conhecimento.

Convém ponderar que as bibliotecas escolares contemporâneas desempenham um papel que vai muito além do “espaço de castigo” dos tempos de outrora e, mesmo com o avanço do acesso aos *ebooks* e outros recursos literários disponíveis em meio eletrônico, a biblioteca física afirma-se como um local de conagração, encontros entre pais, alunos e professores e deve ter suas ações e serviços como a contação de histórias, fortalecidos e apoiados tanto pelas instituições privadas, quanto pelo poder público. Em consonância com o que supracitado, apresenta-se a fala de Minuzzi:

Afinal, o livro é “[...] para estar nas mãos das pessoas, ser manipulado pelas crianças” (SOARES, 2007, documento on-line). Para que isso ocorra na escola, uma das possibilidades é desfazer a imagem da biblioteca como um “santuário” inacessível. Ao lançar um olhar coletivo para a biblioteca da escola, cabe repensar seus espaços, tornando-os mais atrativos, pensando em um espaço adequado para leitura, tirando a biblioteca de uma posição de “lugar que se vai visitar ocasionalmente com o professor por obrigação” para colocá-la no centro do cotidiano dos alunos, fazendo com que se apropriem do espaço, que sintam vontade de estar lá e de cuidá-lo (MINUZZI, 2019, p. 87).

Por fim, apresentamos o discurso de Mario Vargas Llosa ao ser agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura em 07 de outubro de 2010 abordando a importância da leitura:

Sem as ficções seríamos menos conscientes da importância da liberdade para que a vida seja suportável e do inferno em que ela se converte quando dominada por um tirano, uma ideologia ou uma religião. Quem duvida que a literatura, além de nos levar ao sonho da beleza e da felicidade, nos alerta contra toda forma de opressão, pergunte por que todos os regimes empenhados em controlar a conduta dos cidadãos, do berço ao túmulo, a temem tanto a ponto de estabelecerem regras de censura para reprimi-la, e vigiam com tanta suspeita os escritores independentes. Fazem isso porque sabem o risco que correm ao deixarem que a imaginação flua pelos livros, como quão sediosas se tornam as ficções quando o leitor compara a liberdade que as torna possíveis e que nelas exerce, com o obscurantismo e o medo que o pressionam no mundo real” (LLOSA, 2010).

Resta patente a importância da biblioteca escolar no sentido de promoção do acesso à leitura, literatura, que, por conseguinte, são os principais meios utilizados para a realização das contações de histórias e leituras compartilhadas, favorecendo o desenvolvimento dessas práticas em meio escolar.

5. A BIBLIOTECA COMO UM ESPAÇO DE ACESSO A LIVROS, LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Inicialmente é importante ressaltar que devemos valorizar os textos como patrimônio artístico da humanidade. Neste sentido, a leitura se afirma como um modo democrático e eficaz de formar e informar os indivíduos. É importante que o hábito da leitura seja incentivado e estimulado, não somente entre o corpo discente, mas também entre todo o corpo técnico e operacional escolar.

Assim, é preciso precipuamente sensibilizar não somente os alunos, mas toda a comunidade escolar quanto à importância do desenvolvimento do hábito de leitura *lato sensu* como forma de melhoria e ampliação de vocabulário, repertório cultural e educacional, desenvolvimento emocional e cognitivo, melhoria da compreensão de textos, de leitura, escrita e entretenimento dentre vários outros benefícios físicos e emocionais.

Neste aspecto, o sociólogo, crítico literário e professor Antonio Candido alça a literatura a um direito humano, bem como o direito à alimentação, moradia, saúde e educação, na medida em que se afirma como algo fundamental para a formação humana dos sujeitos.

Segundo o crítico, a literatura se manifesta universalmente através do ser humano, e em todos os tempos, tem função e papel humanizador. Mas como essa humanização se dá? A humanização, de acordo com A. Candido, é:

“[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante” (CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. In: A.C.R. Fester (Org.) Direitos humanos E... Cjp / Ed. Brasiliense, 1989. p. 117). (CASA DAS ROSAS).

No que se refere à legislação, a Lei 13.696, de 12 de julho de 2018 institui a Política Nacional de Leitura e Escrita e traz algumas diretrizes que são balizadoras das práticas em questão. Destacam-se os seguintes trechos:

Parágrafo único. A Política Nacional de Leitura e Escrita será implementada pela União, por intermédio do Ministério da Cultura e do Ministério da Educação, em cooperação com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios e **com a participação da sociedade civil e de instituições privadas. (grifo nosso).**

Art. 2º São diretrizes da Política Nacional de Leitura e Escrita:

I - a universalização do direito ao acesso ao livro, à leitura, à escrita, à literatura e às bibliotecas;

II - o reconhecimento da leitura e da escrita como um direito, a fim de possibilitar a todos, inclusive por meio de políticas de estímulo à leitura, as condições para exercer plenamente a cidadania, para viver uma vida digna e para contribuir com a construção de uma sociedade mais justa;

Art. 3º São objetivos da Política Nacional de Leitura e Escrita:

X - incentivar a expansão das capacidades de criação cultural e de compreensão leitora, por meio do fortalecimento de ações educativas e culturais focadas no desenvolvimento das competências de produção e interpretação de textos.

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, por sua vez, preconiza no capítulo III - Da Educação, da Cultura e do Desporto que:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (grifo nosso)

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

IX - garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida. (grifo nosso)

Tendo em vista tais apontamentos, faz-se necessário o desenvolvimento de ações que promovam o desenvolvimento preconizado nas legislações pátrias e dos objetivos educacionais e pedagógicos que pretendem ser alcançados pelas escolas.

Como é de amplo conhecimento público, a aquisição de livros por grande parte da população é muitas vezes inviabilizada ou reduzida, tendo em vista os altos custos que fazem com o livro seja considerado um produto supérfluo ou de luxo. Nesse sentido, as bibliotecas públicas e privadas afirmam-se como equipamentos culturais e educacionais de fundamental importância para que os cidadãos tenham acesso aos livros e à leitura, e assim promover o desenvolvimento intelectual e cultural da população, bem como a educação continuada.

De acordo com o *Manifesto IFLA/Unesco para Biblioteca Escolar* “está comprovado que bibliotecários e professores, ao trabalharem em conjunto, influenciam o desempenho dos

estudantes para o alcance de maior nível de literacia na leitura e escrita, aprendizagem, resolução de problemas, uso da informação e das tecnologias de comunicação e informação”.

De acordo com o Manifesto supracitado a biblioteca escolar é parte integral do processo educativo. Nesse sentido:

Para o desenvolvimento da literacia e/ou competência na leitura e escrita e no uso da informação, no ensino e aprendizagem, na cultura e nos serviços básicos da biblioteca escolar, é essencial o cumprimento dos seguintes objetivos: apoiar e intensificar a consecução dos objetivos educacionais definidos na missão e no currículo da escola; desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem, bem como o uso dos recursos da biblioteca ao longo da vida; oferecer oportunidades de vivências destinadas à produção e uso da informação voltada ao conhecimento, à compreensão, imaginação e ao entretenimento; apoiar todos os estudantes na aprendizagem e prática de habilidades para avaliar e usar a informação, em suas variadas formas, suportes ou meios, incluindo a sensibilidade para 3 utilizar adequadamente as formas de comunicação com a comunidade onde estão inseridos; prover acesso em nível local, regional, nacional e global aos recursos existentes e às oportunidades que expõem os aprendizes a diversas ideias, experiências e opiniões; organizar atividades que incentivem a tomada de consciência cultural e social, bem como de sensibilidade; trabalhar em conjunto com estudantes, professores, administradores e pais, para o alcance final da missão e objetivos da escola; **proclamar o conceito de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são pontos fundamentais à formação de cidadania responsável e ao exercício da democracia; promover leitura, recursos e serviços da biblioteca escolar junto à comunidade escolar e ao seu redor** (MANIFESTO IFLA/UNESCO PARA O DESENVOLVIMENTO ESCOLAR, 1999, p. 2)

Para Minuzzi (2019), além de democratizar o acesso aos livros e à biblioteca é importante criar mecanismos de monitoramento da evolução e desenvolvimento de cada aluno conforme descreve abaixo:

Para dar conta de, posteriormente, levar essas avaliações aos pais, é possível criar uma forma própria de registro do desenvolvimento de cada aluno, como por meio de um memorial do professor sobre o desenvolvimento da turma, onde vá destacando, ao longo do projeto de leitura, como cada aluno tem se expressado e vivenciado as atividades realizadas, ou, ainda, por meio do registro, em vídeo, de algumas atividades mais lúdicas, ou até mesmo produzindo uma montagem teatral com os alunos a partir de suas diversas leituras ao longo de um projeto (MINUZZI, 2019, p. 94).

Outra eminente pesquisadora da biblioteca escolar, a professora do curso de Biblioteconomia da UFMG, Bernadete Campello, chama a atenção para o fato de que, mesmo as crianças que ainda não foram alfabetizadas costumam ter bastante contato com os livros através das contações de histórias realizadas por professoras e bibliotecárias, o que por si só já demonstra a importância da atividade em si, facilitando o acesso das crianças ao universo lúdico, recreativo, mas também pedagógico tanto da contação de histórias, como da leitura compartilhada, conforme constata-se no trecho abaixo:

A leitura e a escuta de histórias permeiam todo o período de escolarização, desde os primeiros anos, mesmo antes de a criança dominar o código linguístico, quando se busca construir uma atitude de curiosidade pelo livro e de prazer pela leitura. Isso se consegue com a utilização de textos bem selecionados, criativos, ricos e com ilustrações de qualidade. A familiaridade com a diversidade de gêneros é muito enfatizada, devendo-se levar as crianças a conhecerem a diversidade dentro de um mesmo gênero, por exemplo, trabalhando-se com o conjunto da obra de determinado autor ou com as várias versões de um mesmo conto ou lenda (CAMPELLO, 2012, p. 57).

Em outras palavras, está nítida e indubitável a importância deste equipamento educacional e cultural que é a biblioteca, sobretudo a biblioteca escolar, pois é nela que, via de regra, haverá o primeiro contato com uma variedade de livros, onde a criança aprenderá como proceder para realizar empréstimos, a importância da organização do acervo para localização dos livros, além de ser um espaço que auxilia a desenvolver o afeto e amor pelos livros e pela leitura. Campello aduz que as crianças precisam ter acesso à biblioteca como forma de desenvolvimento pedagógico, conforme averigua-se no trecho abaixo:

[...] pode-se dizer que as crianças na fase da educação infantil poderão, sem dúvida, beneficiar-se da biblioteca. As instituições que recebem crianças exclusivamente nessa faixa etária devem esforçar-se para criar sua biblioteca, e aquelas que atendem faixas variadas e que já contam com esse espaço devem planejar programas específicos de biblioteca adequados a crianças pequenas. O contato precoce com esse recurso de aprendizagem vai certamente constituir vantagem para os alunos que dele se beneficiarem (CAMPELLO, 2012, p. 60).

Com efeito, é preciso fortalecer as práticas da biblioteca, para além do empréstimo de livros, mas também como um espaço de consolidação e complementação das atividades pedagógicas, afirmando-se como um espaço de construção dialógica do conhecimento.

Convém ponderar que as bibliotecas escolares contemporâneas desempenham um papel que vai muito além do “espaço de castigo” dos tempos de outrora e, mesmo com o avanço do acesso aos *ebooks* e outros recursos literários disponíveis em meio eletrônico, a biblioteca física afirma-se como um local de conagração, encontros entre pais, alunos e professores e deve ter suas ações e serviços como a contação de histórias, fortalecidos e apoiados tanto pelas instituições privadas, quanto pelo poder público. Em consonância com o que supracitado, apresenta-se a fala de Minuzzi:

Afinal, o livro é “[...] para estar nas mãos das pessoas, ser manipulado pelas crianças” (SOARES, 2007, documento on-line). Para que isso ocorra na escola, uma das possibilidades é desfazer a imagem da biblioteca como um “santuário” inacessível. Ao lançar um olhar coletivo para a biblioteca da escola, cabe repensar seus espaços, tornando-os mais atrativos, pensando em um espaço adequado para leitura, tirando a biblioteca de uma posição de “lugar que se vai visitar ocasionalmente com o professor por obrigação” para colocá-la no centro do cotidiano dos alunos, fazendo com que se

apropriem do espaço, que sintam vontade de estar lá e de cuidá-lo (MINUZZI, 2019, p. 87).

Por fim, apresentamos o discurso de Mario Vargas Llosa ao ser agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura em 07 de outubro de 2010 abordando a importância da leitura:

Sem as ficções seríamos menos conscientes da importância da liberdade para que a vida seja suportável e do inferno em que ela se converte quando dominada por um tirano, uma ideologia ou uma religião. Quem duvida que a literatura, além de nos levar ao sonho da beleza e da felicidade, nos alerta contra toda forma de opressão, pergunte por que todos os regimes empenhados em controlar a conduta dos cidadãos, do berço ao túmulo, a temem tanto a ponto de estabelecerem regras de censura para reprimi-la, e vigiam com tanta suspeita os escritores independentes. Fazem isso porque sabem o risco que correm ao deixarem que a imaginação flua pelos livros, como quão sediosas se tornam as ficções quando o leitor compara a liberdade que as torna possíveis e que nelas exerce, com o obscurantismo e o medo que o pressionam no mundo real” (LLOSA, 2010).

Resta patente a importância da biblioteca escolar no sentido de promoção do acesso à leitura, literatura, que, por conseguinte, são os principais meios utilizados para a realização das contações de histórias e leituras compartilhadas, favorecendo o desenvolvimento dessas práticas em meio escolar.

6. A PRÁTICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: DEPOIMENTOS DE PROFESSORES

Neste capítulo discorreremos brevemente sobre a pesquisa realizada com 12 professoras da rede pública municipal de educação de Belo Horizonte, sobre suas impressões acerca do impacto verificado na prática da contação de histórias. Como dito no capítulo anterior, outros profissionais, como o bibliotecário, por exemplo, podem realizar a contação de histórias. Contudo, nosso objetivo é mostrar como os professores especificamente realizam essa atividade e como isso traz mudanças no comportamento dos alunos a curto, médio e longo prazo. No livro *Variações sobre o prazer*, Rubem Alves traz uma citação bastante elucidativa e poética sobre o papel desempenhado pelos professores no processo de ensino-aprendizagem:

[...] Chegam os alunos. Desejam aprender os mares do mundo. O professor lhes mostra os seus mapas e fala sobre aquilo que sabe. Os alunos aprendem. Mas, de repente, um aluno inquieto aponta para um vazio indefinido, sem contornos no mapa.

- Qual é o nome daquele mar? - ele pergunta. O professor responde:
- O nome daquele mar eu não sei. Nunca fui lá. Não o naveguei. Não o conheço. Por isso, nada tenho a dizer. É mar desconhecido, por navegar. Mas, com o que sei sobre os outros mares, vou lhe ensinar a se aventurar por mares desconhecidos: essa

é a aventura suprema. Para isso nascemos...[...] (ALVES *apud* NIETZSCHE, 2015, p. 53).

Assim, percebe-se que o professor nem sempre terá as respostas para todas as perguntas e nem saberá indicar qual o caminho “certo” a seguir, mas é um dos personagens mais importantes na formação humana dos indivíduos e, como aduzido por Paulo Freire em sua obra *Pedagogia da autonomia*, o “professor deve assumir-se como sujeito também da produção do saber, convencer-se definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. (FREIRE, 1996, p. 13).

Muitas pessoas se lembram com carinho das vivências escolares, na medida em que o aprendizado também se passa pela via do afeto e das memórias afetivas e, como dito por Eduardo Galeano, a palavra recordar vem do latim *recordis*, que significa voltar a passar pelo coração.

A escritora e psicóloga Clarissa Pinkola Estés, mundialmente conhecida por seu livro de 1992, *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*, se vale da investigação apurada acerca da construção histórica e conceitual desse hábito milenar e do mecanismo de ação das histórias nas vidas das pessoas.

Penetramos numa história pela porta da escuta interior. A história falada toca no nervo auditivo, que atravessa a base do crânio até chegar ao bulbo do cérebro logo abaixo da ponte de Varólio. Ali, os impulsos auditivos são transmitidos para cima para o consciente ou, segundo dizem, para a alma... dependendo da atitude de quem ouve. Antigos anatomistas falavam de o nervo auditivo dividir-se em três ou mais caminhos nas profundezas do cérebro. Eles concluíram que o ouvido devia, portanto, funcionar em três níveis diferentes. Um deles seria o das conversas rotineiras da vida. Um segundo seria dedicado à aprendizagem e à arte. E o terceiro existiria para que a própria alma pudesse ouvir orientações e adquirir conhecimentos enquanto estivesse aqui na terra. Ouçam, portanto, com a escuta da alma agora, pois é essa a missão das histórias (ESTÉS, p. 22).

A par disso, nota-se que a contação de histórias é um hábito ancestral realizado em diferentes períodos históricos e em diferentes sociedades, mas todas em alguma medida têm a sua construção social e de imaginário coletivo ligadas a essa prática e, mesmo depois da massificação da alfabetização e da imprensa, que possibilitava o registro escrito dessas histórias, elas permaneceram sendo contadas e recontadas ao longo dos tempos. Nesse aspecto, os professores desempenham um papel fundamental de perpetuação dessa prática milenar, pois os homens desejam lembrar a sabedoria passada e transmiti-la às gerações futuras.

Em nossa pesquisa foi possível verificar que quase todas as professoras realizam a contação de histórias ou mesmo a leitura compartilhada. Apenas uma delas informou que atualmente não realiza atividades em sala de aula, então não está realizando as contações de

histórias. Uma das respondentes disse o seguinte: *Costumo ler livros e contar histórias para a turma como recurso didático e também como momento de deleite. Utilizo livros escritos por diversas autoras e autores e também textos publicados em diferentes suportes.* Outra disse que: *no contexto da biblioteca, percebo que o interesse pela leitura aumenta e o empréstimo de livros aumenta.* Esse depoimento confirma nossa suspeita de que biblioteca, contação de histórias e estímulo ao hábito de leitura estão intrinsecamente relacionados.

No que se refere à mudança no aspecto cognitivo dos alunos relacionado à contação de histórias (fala, criatividade ou melhoria no vocabulário) uma respondente afirmou que: *há ampliação do vocabulário, da oralidade, desenvolvimento da imaginação e atenção e a capacidade de colocar-se no lugar do outro.*

Em se tratando de “capacidade de colocar-se no lugar do outro”, a pesquisadora Eliana Yunes traz à tona quais são os reais objetivos da leitura e ensino de literatura nas escolas, quais sejam:

[...] Urgente mesmo é mudar não apenas o ensino da literatura nas escolas, mas mudar toda a didática do ensino, além de alterar os objetivos últimos da educação formal básica: passar no vestibular? garantir emprego? Antes, tornar-se pessoa e sujeito entre sujeitos cuja real construção da história passe pela articulação cidadão-cidadão, capaz de fundar uma associação política participativa. Como defendeu Martha Nussbaum (2015) junto a seus alunos de Direito na Universidade de Chicago, a literatura pode ser um poderoso instrumento de reconhecimento do que seja justiça e cidadania (YUNES, 2019, p. 43).

A mesma autora ainda reforça a importância da leitura de romances, poesia e da literatura infantil para a sensibilização, desenvolvimento da autonomia e ações práticas que reverberem para além dos espaços escolares, mas com o apoio destes na medida em que:

a leitura de romances, o saborear da poesia, com sua melopeia rompendo o ruído, o desfrute da literatura dita infantil premiada, que junta texto a imagens soberanas, e a visita a museus da língua ou de cultura popular, levarão à sensibilização crescente das pessoas e sua organização cada vez mais necessária em grupos de atuação e pensamento, alavancadas por escolas, bibliotecas e museus, que transformem a sua atividade operacional em práticas leitoras da vivência e expressão da experiência que constrói a (inter)subjetividade (YUNES, 2019, p. 42-43).

Nessa esteira, a pesquisa disponível em anexo, realizada com as docentes, demonstrou que há impactos e mudanças tanto quantitativas (aumento do número de empréstimos na biblioteca), como qualitativas (melhoria de vocabulário, forma de interagir e portar-se frente às outras pessoas), além de atingir um dos objetivos precípuos da prática pedagógica que é despertar o interesse pela leitura, o que por conseguinte tem reflexos em todas as outras disciplinas além de língua portuguesa e para além da vida escolar.

7. CONCLUSÃO

Percebe-se através deste trabalho monográfico que o desenvolvimento infantil é um processo que se dá entre a criança e as vivências interacionais do mundo que a cerca e, neste sentido, a literatura infantil, juntamente com a contação de histórias contribui para o desenvolvimento oral, cognitivo e de escrita.

Através da contação de histórias como prática pedagógica, os estudantes são estimulados quanto à imaginação, à oralidade, ao senso crítico, aos valores e conceitos éticos, além de aprenderem sobre convívio social, diversidade e cultura.

As crianças que ouvem e que recontam histórias ativam processos cognitivos que as fazem reconhecerem as construções textuais (tempo, espaço, personagens, narrador, conflito, clímax e desfecho), reconhecerem personagens protagonistas e antagonistas, reconhecerem emoções à medida em que o texto vai fluindo entre clímax e desfecho. Sendo assim, o professor que se dedica ao momento da contação de histórias, respeitando a faixa etária de seus alunos e fazendo o uso da vasta gama de recursos lúdicos a serem explorados no texto escolhido, promove ao longo do tempo uma melhor interação dos estudantes com as habilidades orais e cognitivas. Por conseguinte, as questões relacionadas ao comportamento dos personagens na história contada aos alunos também podem auxiliar na formação ética e moral deles e na resolução de situações de conflitos envolvendo raiva, inveja, injustiças, amizade e verdade. Além disso, podem aprimorar as reflexões sobre convívio social através do diálogo em sala de aula, além do que, o campo da imaginação também é bastante exercitado pelas crianças, favorecendo a criatividade e a liberdade de expressão.

Certamente a contação de histórias para crianças da Educação Infantil é relevante no que tange ao pensamento lógico, pois as crianças, ao se identificarem com os textos narrados, vão construindo a sua própria identidade seja ela social ou cultural e a escola precisa articular para que os alunos tenham maior facilidade nesse processo, favorecendo a interação no momento da narração, as discussões após esse momento, além de permitir a criação, pelos alunos, da continuidade das histórias ou de outros finais diferentes para aquele mesmo texto narrado.

Por outro lado, o professor precisa estar preparado para o momento da narração da história, pois este é um requisito essencial para que os objetivos propostos por ele sejam alcançados. Os alunos reconhecem o quão hábil é o professor com o texto escolhido. Eles percebem quando há mudança no tom da narrativa, quando o texto produz a manifestação de

sentimentos ou sensações e quando a linguagem utilizada é agradável ou não aos seus ouvidos e isso é muito positivo. Por isso o professor deve estar atento à sua postura no momento de narrar a história e deve ter realizada a leitura prévia do texto escolhido, demonstrando segurança e conhecimento na conduta das particularidades que o texto possui.

Por fim, contar histórias é uma mescla de método arcaico e contemporâneo de repassar conteúdos necessários à vivência em sociedade, pois permite a quem as ouve aprender de forma criativa e lúdica sobre os diversos conceitos e condutas que regem a sociedade, além de ser uma arte que não deve se perder em meio às novas tecnologias de informação.

Esta pesquisa mostra-se favorável aos textos teóricos que a embasaram na afirmativa de que a contação de histórias para alunos da Educação Infantil é um instrumento pedagógico de grande relevância para a aquisição de conhecimentos pelos alunos, é comprovadamente eficaz para o pleno desenvolvimento sócio-cultural e cognitivo.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1997. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/343914299/Literatura-infantil-gostosuras-e-bobices-Fanny-Abramovich>>. Acesso em: 05 jul. 2021.
- ALVES, Rubem. **Variações sobre o prazer**. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2014.
- BERNARDINO, Andreza Dalla; SOUZA, Linete Oliveira de. A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental. **Revista de Educação: Educere et educare**. Cascavel, Vol. 6, p. 235-249, 2011. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/4643/4891>>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Paz e Terra, 2015. [recurso eletrônico]. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/A_Psican%C3%A1lise_dos_Contos_de_Fadas/WP19CQAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover. Acesso em: 11 set. 2021.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 16 abr. 2021.
- BRASIL. **Lei 13.696, de 12 de julho de 2018. Institui a Política Nacional de Leitura e Educação**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13696.htm. Acesso em: 16 abr. 2021.
- CAMPELLO, Bernadete; Viana, Márcia Milton *et al.* **Biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788582178744/pageid/4>. Acesso em: 11 set. 2021.
- CASA DAS ROSAS. **A literatura como direito do ser humano**. Disponível em: <https://www.casadasrosas.org.br/centro-de-apoio-ao-escritor/manual-a-literatura-como-direito-do-ser-humano>. Acesso em: 16 abr. 2021.
- CHIARETTO, M. **Letramento literário e recursos didáticos renovados para um educador cidadão**. In: Revista Pesquisas em Discurso Pedagógico. (Rio de Janeiro), v. 02, p. 71-79, 2014.
- EISNER, Will. **Narrativas gráficas**. Trad. Leandro Luigi Del Manto. São Paulo: Devir, 2005.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Rocco, 2018. Disponível em: <https://eduardolbm.files.wordpress.com/2014/10/mulheres-que-correm-com-os-lobos-clarissa-pinkola-estes.pdf>. Acesso em: 11 set. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura). Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>. Acesso em: 16 set. 2021.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/O_Livro_dos_Abra%C3%A7os/H7q152L3W3wC?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover. Acesso em: 11 set. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

FILHO, José Nicolau Gregorin. **Literatura Infantil**: múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo: Melhoramentos, 2012. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1XENa1Eu3xJPGmWC-IODzJu2gTnSmghG5/view?usp=drivesdk>. Acesso em: 15 maio 2021.

LACERDA, Josefa Ferreira de. **A importância da contação de histórias na Educação Infantil**. Trabalho de conclusão de curso - monografia apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba. Acesso em: 13 maio 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/20552>.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade clandestina** (conto). Disponível em: <https://contobrasileiro.com.br/felicidade-clandestina-conto-de-clarice-lispector/> Acesso em: 10 set. 2021.

MINUZZI, Luara Pinto *et al.* **Literatura infantojuvenil** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: SAGAH, 2019. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788533500129/pageid/1>. Acesso em: 11 set. 2021.

MIRANDA, Shirlene Maria Nascimento; SILVA, Lucineide Santos da. **A importância do ato de contar histórias na Educação Infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural da Amazônia.

PIGLIA, Ricardo. **Prêmio Ibero-americano de Letras “José Donoso”**, 2006, Talca.

TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato; TORRES, Shirlei Milene. Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas**. Sessão aberta PPG-LET-UFRGS – Porto Alegre – Vol. 04 N. 01 – jan/jun. 2008. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/5844/3448>. Acesso em: 02 ago. 2021.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO. **Manifesto Ifla/Unesco para o desenvolvimento escolar**. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-manifesto-pt-brazil.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2021.

VARGAS LLOSA, Mario. **A importância da leitura**: discurso de Mario Vargas Llosa ao ser agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura em 07 de outubro de 2010. Disponível em: <https://www.institutoliberal.org.br/blog/a-importancia-da-leitura/>. Acesso em: 10 set. 2021.

VICENTE, Kalinde Braga Augusto. **A formação do contador de histórias hoje**: a parceria teatral e outros caminhos. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2015. Disponível em: <<https://drive.google.com/drive/my-drive>>. Acesso em: 16 maio 2021.

YUNES, Eliana. A leitura e a literatura como direitos e princípios de cidadania. *In*: **Mediação**: cultura, leitura e território. Fernando César Siniscalchi (il.). São Paulo: Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, Unidade de Difusão Cultural Bibliotecas e Leitura, SP Leituras 2019. Disponível em: <<http://siseb.sp.gov.br/wp-content/uploads/2019/05/NB12-MediACAO-web.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2021.

APÊNDICE

Questionário aplicado às professoras da Educação Infantil

1. Você conta histórias em sala de aula? Quais recursos utiliza?

| | |
|---|---|
| 1 | Sim! Livros. |
| 2 | Costumo ler livros e contar histórias para a turma como recurso didático e também como momento deleite. Utilizo livros escritos por diversas autoras e autores e também textos publicados em diferentes suportes. |
| 3 | No momento não estou em sala costumava contar usando o livro. |
| 4 | Sim, na biblioteca da escola municipal em que trabalho. Utilizo o livro e minha voz. |
| 5 | Sim, utilizo fantoches, gravuras, fantasias, livros, instrumentos musicais, músicas. |
| 6 | Sim. Utilizo, além do próprio livro, o corpo, a voz, o gestual, o olhar. |
| 7 | Sim. Livros infantil , fantoches , caixas surpresas. |
| 8 | Sim. Fantoche, livros, história contada. |
| 9 | Sim, fantoches e livros. |

2. Percebe no decorrer do ano letivo, alguma mudança no aspecto cognitivo dos seus alunos relacionado à contação de histórias (fala, criatividade ou melhoria no vocabulário)?

| | |
|---|--|
| 1 | Sim! Dificuldade na coordenação motora. |
| 2 | Com certeza, além da oralidade , ampliação do vocabulário e pensamento crítico. |
| 3 | Sim! |
| 4 | No contexto da biblioteca, percebo que o interesse pela leitura aumenta e o empréstimo de livros aumenta. |
| 5 | Sim e muitas mudanças |
| 6 | Ampliação do vocabulário, da oralidade, desenvolvimento da imaginação e atenção. A capacidade de colocar-se no lugar do outro. |
| 7 | Sim. |

| | |
|----|---|
| 8 | Sim. Muito. |
| 9 | Sim, melhoria na criatividade. |
| 10 | Sim, inclusive no comportamento. |
| 11 | Muito |
| 12 | Criatividade e fala de forma mais contundente |

3. Algum aluno relacionou alguma resolução de conflito da história contada com a vida cotidiana dele? Como foi?

| | |
|----|--|
| 1 | Não! |
| 2 | Sim. Fiz um trabalho com literatura escrita por mulheres negras e em diversos momentos às crianças relacionaram a obra ao cotidiano com as famílias, não apenas resoluções de conflitos , mas também lembranças afetivas. |
| 3 | Não lembro de ter tido essa experiência. |
| 4 | Sim, acontece às vezes. Não vou me lembrar exatamente da situação, mas costumam me interromper para dar exemplos cotidianos fazendo relações com a história contada. |
| 5 | Sim, contei a história da lagartinha comilona e seus hábitos nada saudáveis e os prejuízos causados na saúde dela, e uma criança relacionou com a sua alimentação e de sua família e como eles estavam sempre doentes. No final da história a lagartinha adquire hábitos saudáveis e vira uma linda borboleta e a criança começou a incentivar a família a ter uma alimentação saudável. |
| 6 | Sim. Principalmente quando a história envolve animais domésticos, um cãozinho que foge e depois é encontrado, um peixe que pula do aquário... Mas tem também a identificação com as configurações familiares e seus conflitos, um apuro vivido com o irmão, a consequência de uma mentira contada. |
| 7 | Sim. A necessidade de aprender a compartilhar os brinquedos. Essa se deu antes do contexto de pandemia. |
| 8 | Sim. Eles contam que já vivenciaram algo assim, com a tia, mãe, vizinho. |
| 9 | Já sim, partilha de objetos principalmente. |
| 10 | Sim corrigindo o amiguinho e citando trechos dos contos. |
| 11 | Sim,ele conta o que aconteceu e usa muito a imaginação |

| | |
|----|------|
| 12 | Sim. |
|----|------|

4. As histórias contadas conseguem se relacionar com a vida social do aluno? Como eles reagem?

| | |
|----|---|
| 1 | Sim! Com atenção e entusiasmo. |
| 2 | Priorizo a diversidade quando escolho o que ler para as crianças, a fim de aproximar o que leio com suas vivências, assim se sentem representados nas obras e valorizados em suas experiências de vida. |
| 3 | Sim, pois procuro fazer esse tipo de relação e deixar que eles façam para aproximá-los do que está sendo contado. Eles gostam bastante, sentem-se interessados e representados. |
| 4 | Sim, ficam surpresos, às vezes pensativos, empolgados e querem compartilhar. |
| 5 | É preciso levar em conta a escolha dos títulos. Um repertório variado é fundamental, mas a representatividade também importa bastante. As histórias despertam a curiosidade, estimulam a imaginação, desenvolvem a autonomia e o pensamento, proporcionam vivenciar diversas emoções como medo e angústias, ajudando a criança a resolver seus conflitos emocionais próprios, aliviando sobrecargas emocionais. A organização geral dos enredos possui um conteúdo moral que colabora para a formação ética e cidadã das crianças. Eles se identificam com alguns enredos, com alguns personagens. Desenvolvem a empatia. |
| 6 | Às vezes. Alguns reagem com muita surpresa e estranheza diante do novo, como por exemplo a chegada de um irmão. |
| 7 | Sim. Quando eles se identificam, querem logo falar sobre o assunto. |
| 8 | Geralmente a atribuição vem em relação ao comportamento nos lugares. |
| 9 | Em alguns casos como os contos de animais, da vida familiar, às vezes nas perdas e fazendo relação com os locais onde vivem e com os sonhos que desejam realizar. |
| 10 | Eles ficam reflexivos, conversam entre si, contam algo que aconteceu parecido com a história. |
| 11 | Sim. Eles se enxergam como protagonistas. |